

DAMAS DE ÉBANO NOS CLUBES SOCIAIS NEGROS: TRANCINHAS E BATOM

Ebano ladies in Black Social Clubs: short braids and lipstick

RITA DE CÁSSIA SOUZA FÉLIX
UFC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
ritacfelix@gmail.com

RESUMO O artigo em pauta refere-se à catalogação, conhecimento e estudos a respeito dos Clubes Sociais Negros – ou Afro Clubes – que surgiram a partir da segunda metade do século XIX, em várias regiões do Brasil, onde houvesse a presença de ex-escravizados e seus descendentes. Será dada ênfase à participação da mulher negra nos clubes devido à importância dessas mulheres na história do país. Estudos sobre os Clubes Sociais Negros visam reconstruir a história dos negros com novos objetos, nova abordagem e novos problemas de pesquisa. Os estudos e pesquisas mostram que os Clubes Sociais Negros existem tanto nas zonas urbanas quanto no interior das unidades federativas do Brasil. As fontes de consulta são pautadas principalmente nos depoimentos orais, oriundos dos testemunhos de quem participou ativamente do processo e nas pesquisas científicas publicadas. Fotografias estão sendo consideradas excelentes fontes de informações, além dos registros contábeis, atas de reuniões, dentre outros. Os estudos investigativos apontam a relevância dessas organizações não somente como mais uma modalidade de sobrevivência cultural, mas também como resposta à sociedade racista e discriminadora, como lugares de lazer e diversão, socialização, manutenção das tradições e afirmação de identidades.

PALAVRAS CHAVE CLUBES SOCIAIS NEGROS. COLETIVIDADE. IDENTIDADES. MULHERES NEGRAS.

ABSTRACT The article in question refers to the cataloging, cognizance and studies about the Black Social Clubs or African clubs that emerged from the second half of the nineteenth century in various regions of Brazil, wherever there were former slaves and their descendants. Emphasis will be given to the participation of black women in the clubs because of the importance of women in the country's history. Studies on the Black Social Clubs aim to reconstruct the history of blacks with new objects, new approach and new research problems. The studies and researches show that Black Social Clubs exist both in urban areas and in the interior of the states of Brazil. The research sources are based mainly on oral testimony, coming from the testimonies of those who actively participated in the process and in scientific research published. Photos are considered excellent sources of information beyond the accounting records and minutes of meetings among others. The research studies point to the importance of these organizations not only as another form of cultural survival, but also in response to the racist and discriminating society, as places of leisure and entertainment, socialization, maintenance of traditions and affirmation of identities.

KEYWORDS BLACK SOCIAL CLUBS, COLLECTIVITY, IDENTITIES, BLACK WOMEN.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui a intenção de introduzir uma reflexão a respeito dos espaços de lazer que foram construídos pela população negra no Brasil a partir de uma especificidade: Clubes Sociais, especialmente a participação da mulher negra nesses estabelecimentos. Os objetivos estão centrados preliminarmente em realizar um levantamento da trajetória destas instituições, resgatar o patrimônio imemorial das atividades ali exercidas, inserir mais uma abordagem da e na Historiografia no âmbito da valorização da população negra no Brasil. A relevância destes estudos refere-se ao Registro da história e memória da participação dos afrodescendentes no Brasil na virada do século XIX para o século XX. A partir daí, é possível verificar a relevância destes estudos, porque os mesmos possibilitam Identificar os Afro Clubes como locais em que se estabilizaram a autoestima, autoimagem e identidades negras. Construção de sociabilidades e culturas. Além de serem espaços de construção de legitimação do poder: poder simbólico, poder invisível (cumplicidade) dentre os membros. Pretende-se, dessa forma, somar mais esforços no sentido de produzirmos ferramentas para a implementação da Lei 10.639 em seus dez anos de existência.

DESENVOLVENDO O TEMA

HISTÓRIA

A história dos Clubes Sociais Negros é anterior à assinatura da Lei Áurea. Os estudos recentes revelam a existência destas organizações já no início da segunda metade do século XIX, quando a população negra ex-escravizada em processo migratório para os centros urbanos buscava sua inserção nas sociedades locais. Todavia, a realidade imposta à população negra mostrou-se aversa diante das expectativas adquiridas. O ex-escravizado depa-rou-se com um sistema que dificultava sua colocação no mercado de trabalho ou suprimia possibilidades de o mesmo almejar alterações nas relações sociais e raciais estabelecidas no sistema escravista criminoso, conforme terminologia conceitual utilizada pelo pesquisador Cunha Junior (CUNHA JR, 2008).

O sistema opressor criou mecanismos para manter a ordem vigente de forma a perpetuar a exclusão do povo negro (ex-escravizado e seus descendentes) do processo de inclusão na sociedade brasileira em todos os setores. O século XX despontou no Brasil com forte influência dos estilos de vida econômico, social, político e cultural vigentes no continente europeu. Os valores europeizados ditavam as normas na sociedade brasileira em todos os aspectos da vida social, ditando padrões de comportamento, hábitos e costumes que se afastavam da realidade do grande mosaico que caracteriza a cultura do povo brasileiro.

O período denominado *Belle Époque*, ocorrido na França, que se estendeu por todo o continente europeu, influenciou as elites brasileiras que idealizaram o país a partir destes paradigmas. Logo, a nação brasileira deveria ser pensada de forma a garantir estes referenciais, o que traduzia um afastamento incondicional de toda a matriz de origem africana

e nativa no processo de formação da nação. Na experiência brasileira do início do século XX, a discriminação racial não foi institucionalizada de forma oficial, mas as práticas garantiram sua eficácia da separação territorial, criando mecanismos que impediam o acesso dos negros a determinados recintos públicos, conforme Batista (2006). A exemplo dos costumes europeus, os membros das classes sociais privilegiadas frequentavam clubes sociais e recintos de lazer para socialização e divertimento do grupo e suas famílias. À população negra era negado o acesso a esses recintos de forma acintosa e sistemática, sendo que, caso houvesse infiltração ou permissão para a entrada, era constatado o isolamento do indivíduo, conforme entrevista concedida pelo senhor Ivan Barbosa (2010): “Minha filha, se o nego entrasse, podia chamar vinte moças para a dança que elas não iam mesmo. De jeito nenhum. Ele ficava sem dança a noite inteirinha, o coitado.” A partir daí, a população negra, já habituada a buscar meios para sua sobrevivência contando meramente com seus próprios recursos, criou possibilidades de enfrentamento do sistema que acabaram por caracterizar a manutenção de sua integridade emotiva, física, mental, espiritual e cultural. No que tange às necessidades de realizar rituais tradicionais, lazer e diversão, organizaram-se em grêmios, blocos carnavalescos, ranchos, maracatus, congadas, irmandades, criaram espaços de lazer, confraternização, enfim, divertimento. Surgem os Clubes Sociais Negros, primeiramente com o propósito de possibilitar momentos de lazer e socialização. Todavia, os estudos investigatórios afirmam que foram detectados objetivos dos mais variados possíveis, como: Angariar fundos para comprar a liberdade de trabalhadores escravizados; Auxiliar despesas de funeral; Custear despesas com educação; Auxílio aos desempregados e endividados. É relevante salientar que tais recintos podem ser caracterizados como “lugares” de compartilhamento, estreitamento dos elos de solidariedade, unidade, consolidação de identidades, contraponto à ordem social vigente. Poderiam também ser considerados locais de maior sociabilidade.

Com fins de se atribuir um conhecimento mais apurado dos Clubes Sociais Negros, o literato Oliveira Silveira¹, liderando integrantes da Comissão dos Clubes Sociais, elaborou o conceito que se tornou a referência para os estudiosos no assunto: “Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio.” (ESCOBAR, 2010). A relevância destes estudos repousa no fato de que essas ações contêm registros da história da população negra em um período em que a historiografia produziu poucos escritos nesta área do saber. Além do mais, é importante veículo para resgatar informações no que se refere à memória social brasileira. Os Clubes Sociais Negros transformaram-se em locais onde se estabilizaram a autoestima e autoimagem desse segmento social que, neste período, tinha seus caracteres físicos relegados e estigmatizados por fugirem do padrão estético de beleza vigente no país. À época, era importante o resgate das identidades negras,

1 O professor Oliveira Silveira foi um dos expoentes do movimento negro nas últimas décadas. Poeta, intelectual, militante dos movimentos sociais negros. Nascido em Pelotas, município do interior do Rio Grande do sul, deu início às ações de inventariar estes estabelecimentos como forma de recuperar a memória e a importância da participação ativa do povo negro na história de construção deste país.

por ratificarem laços de solidariedade e valores culturais do grupo, além da manutenção de sociabilidades, relevantes para a coesão e relação sociais. Acredita-se que um dos maiores achados dos estudos do objeto em questão é o reconhecimento de mais uma modalidade de enfrentamento do sistema opressor. Os Clubes sociais Negros (C S N) fizeram aquilo que o Estado deixou de fazer: prestaram apoio material, psicológico, implantaram escolas, aglutinou o grupo. Exerceram a função de assistência social, previdenciária, administrativa, educacional, financeira, entre outras funções. Algumas funções podem ser apresentadas para reflexões destas ações:

1 - ANGARIAR FUNDOS PARA COMPRAR A LIBERDADE DE TRABALHADORES ESCRAVIZADOS - Tal iniciativa foi implementada em fins do século XIX, liderada por ex- escravos. É possível inferir que um clube social de negros, fundado com o propósito de comprar a liberdade de seus afins, denota um compromisso muito maior do que se possa interpretar o que se apresenta emoldurado nas aparências. Trata-se de motivações, compromissos, práticas sociais e valores adquiridos não somente da experiência vivida no sistema escravagista, mas também de suas tradições socioculturais herdadas de culturas milenares que se tem conhecimento.

Ressalta-se primeiramente a relevância dessa resposta ao sistema opressor, que se manifesta à primeira vista de forma legitimada e legalizada em seus propósitos e suas práticas. Além do mais, destaca-se o poder organizacional deste contingente desconsiderado em suas potencialidades devido às práticas discriminatórias que lhe foram impostas.

2 - AUXILIAR DESPESAS DE FUNERAL – Estudos recentes apontam a existência desta finalidade ao se fundar um clube social no Brasil na virada do século XX. A relevância de tal informação se faz presente no momento em que a sociedade possa se deparar com mais uma dura realidade imposta à população negra no período pré e pós-abolicionista, sinalizando o ambiente hostil que se configuraria nos anos que se aproximavam. Deve-se considerar também o descaso do poder público no que tange a questões concernentes à saúde pública do povo negro, oriundo do sistema escravista criminoso.

3 - CUSTEAR DESPESAS COM EDUCAÇÃO – Apesar de uma legislação discriminadora e denotando um esforço sobre humano para manter sua sobrevivência física, observa-se a importância dessa meta introduzida por um clube social de e para os negros. A iniciativa direcionada no sentido de criar mecanismos de autoinclusão do povo negro à ordem vigente ratifica o espetacular poder de superação e perseverança do afrodescendente. Oliveira (1999) apresenta a Lei nº1 de 1937, que proíbe o acesso do povo negro às instituições de ensino público. Segundo a autora, o Presidente da Província do Rio de Janeiro outorgou a lei que oficializa a exclusão racial aqui existente:

Art. 3º - São proibidos de freqüentar as escolas Públicas:

1º Todas as pessoas que padecerem de moléstias contagiosas.

2º Os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos.

É mister observar que a mobilização do povo negro em prol de sua inserção na sociedade – que se reestruturava – denota poder de organização, partilha e comprometimento

com o grupo, uma vez que os Clubes Sociais Negros realizavam as funções do Estado, mesmo se caracterizando um ato não consciencioso.

4 - AUXÍLIO AOS DESEMPREGADOS E ENDIVIDADOS – Esse é um dos objetivos da formação dos Afro Clubes que mais ilustram a situação de abandono e o descaso do poder público em relação ao povo negro deste país. Trata-se de um auxílio no sentido de prestar a assistência social e econômico/financeira, visando garantir um mínimo de sua dignidade para a sua sobrevivência e dos seus, bem como manter a perspectiva de sua integridade até o ingresso a outras frentes de trabalho. Acresce-se a essa informação o fato de que havia uma “classe média” negra em ascensão no Brasil à época.

5 – LOCAL DE SOCIABILIDADE – Constitui o “pano de frente” ou argumento maior que justificou a criação e permanência dos Afro Clubes do Brasil, criado pelas lideranças integrantes do sexo masculino e compartilhado por aqueles simpatizantes que se enquadravam nos critérios por eles estabelecidos.

A princípio, os Clubes Sociais Negros de que se tem conhecimento foram compostos eminentemente por um grupo seletivo e masculino na composição de suas diretorias.

A figura do Afro Clube exposto a seguir refere-se a uma reunião de diretoria e representa uma amostra do universo da sociedade eminentemente voltada para destacar a figura do ser masculino em ambientes empreendedores e formais. Todavia, estudos recentes permitem inferir que a presença das mulheres negras nestes recintos se fez de forma efetiva e duradoura.

Associação Cultural e Beneficente Seis de Maio-Gravataí/RS.



Fonte: www.clubessicuausnegrosdobrasil.com.br

OS PIONEIROS

Publicações recentes ratificam a presença histórica de algumas organizações remanescentes no século XIX. A título de conhecimento, podemos citar alguns desses estabelecimentos,

1 - Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora: mais antigo Clube Social Negro do Brasil e em atividade. Fundado em 1871 na cidade de Porto Alegre/RS, comportava locais diferentes para as reuniões e para os bailes sociais. A Sociedade Beneficente Floresta Aurora prestava assistência aos associados de baixa renda inclusive com auxílio funeral. Todavia, os bailes, festas jovens e carnaval, carnaval infantil, baile do chope, atividades esportivas, além das apresentações culturais eram destaques nas atividades mais procuradas. O processo de urbanização levou ao deslocamento destas ações dos centros urbanos para a periferia da grande metrópole. Conforme Escobar (op.cit.),

A solidariedade social se incorporou ao espírito da instituição e sempre algum tipo de ação e intervenção está sendo buscado: lazer através do futebol, ou outras ações efetivas junto a setores carentes da comunidade. Além das atividades de lazer, o clube abrigava um centro cívico. Abriam um jornal negro no início do século XX e denunciavam invasões de grupos brancos agressores à sede. Os anos 50 e 60 foram marcados por iniciativas novas na sede, sendo que algumas não ‘vingaram’. Os anos 70 foram marcados por momentos de relutância, precaução, incompreensão conjugados em épocas distintas. Conviveu com grupos diferentes e em faixas etárias distintas. Atravessou período militarizado e permanece até hoje como centro de referência para o povo negro em sua estabilidade.

2 - Clube Mundo Velho – Hoje, Instituto Mundo Velho. Segundo Clube Social Negro mais antigo do Brasil e em funcionamento. Fundado em 1894 por ex-escravizados e seus descendentes como opção de lazer e cultura devido a proibições de acesso aos clubes frequentados pela sociedade branca. Tornou-se a única referência de lazer para a população negra local. O município de Sabará-MG tornou-se um grande centro disseminador de preconceitos contra os afrodescendentes, situação referendada desde o período da mineração. O endereço atual é remanescente dos anos 30, passando por reformas, ampliação do terreno e restauro da edificação.

3 - Clube Beneficente Cultural E Recreativo Jundiense 28 De Setembro – Nasce com o nome “02 de Abril” em 1897. Jundiá/SP; é o terceiro Clube Social negro mais antigo do Brasil em atividade. Cogitou-se denominar o clube referenciando a lei do Ventre Livre; todavia, a idéia foi rejeitada pelo grupo integrante do clube. O clube exibe uma lista contendo 41 nomes de dirigentes máximos, sendo que atualmente a presidenta é a advogada Kelly Cristina Silva.

4 - Sociedade Beneficente 13 De Maio De Piracicaba/SP – Fundação: 13 de maio de 1901 Denominação inicial: Sociedade Beneficente Antônio Bento. Os objetivos foram pautados em prestação de serviços médicos, farmacêuticos, jurídicos e educacionais. Trabalharam também com o compromisso de orientações e engajamento no trabalho, em relação à moradia e outros direitos. Esta sociedade é partidária “das políticas compensatórias e das ações afirmativas, desenvolvimento sustentável e cidadania plena”, conforme Silveira, 2008. Atualmente a sede é tombada pela Prefeitura Municipal de Piracicaba/SP e considerada patrimônio histórico e cultural.

5 - Associação Satélite Prontidão – Fundação: 12 de abril de 1902. Localização: Porto Alegre/RS . Voltada inicialmente para o carnaval e bailes dançantes nos finais de semana, posteriormente esta Associação organizou-se com fins de promover reforço escolar, alfabetização, criou cursos pré-universitários, além de organizar biblioteca para atender interesses de associados e comunidade em geral. Pecúlios para enterros, atendimento odontológico e médico estavam contidos na prática desta associação.

6 - Sociedade Cultural Ferroviária Treze De Maio/Museu Treze De Maio – Fundação: 13 de maio de 1903. Localização: Santa Maria/RS. A sociedade, surgida no início do século XX, teve seu encerramento com o fim das atividades da ferrovia no estado do Rio Grande do Sul. Em 2003, foi criado o Museu Treze de Maio. Em 2006, o Museu foi um dos promotores do 1º Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras.

7 - Clube 13 De Maio Dos Homens Pretos – São Paulo. Fundado em 1902; e o CENTRO LITERÁRIO DOS HOMENS DE COR – 1903, dentre outras. Até o momento foram identificados cem clubes negros em cinco estados do Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro.

Há representações dos Afro Clubes em alguns estados da federação, os quais citamos alguns poucos listados de acordo com suas localidades:

Em **São Paulo/SP**: 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), Centro Cultural Henrique Dias (1908), Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917), Clube dos Escravos do Brasil (1881), e, em 1934, Clube Recreativo e Beneficente 13 de Maio de Bragança Paulista/SP.

Rio de Janeiro/RJ: Centro da Federação dos Homens de Cor.

Juiz de Fora/MG: Clube Social Elite da Raça Negra, Clube Social Textil, Batuque Afro-brasileiro de Nélson Silva, Rancho Não Venhas Assim, entre outros. Rouxinóis.

Pelotas/RS: Sociedade Progresso da Raça Africana (189

Lages/SC: Centro Cívico Cruz e Souza (1918).

Com 53% dos clubes sociais negros, o Rio Grande do Sul possui a maioria destas entidades que resistiram a dificuldades financeiras e, muitas vezes, à falta de apoio e de reconhecimento do poder público. Foi realizado em 2005 o 1º Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras pela Secretaria Especial de Promoção e Políticas de Igualdade Racial – SEPPIR.

METAS DOS ESTUDOS INVESTIGATIVOS.

O objetivo principal visa propor a implementação de políticas públicas de preservação, manutenção, fortalecimento, difusão e salvaguarda destes lugares de resistência e identidade negra. Além desse objetivo primordial, é propósito desse trabalho: incentivar os estudos na trajetória destas instituições; resgatar o patrimônio imemorial destas ações; inserir mais uma abordagem da e na Historiografia no âmbito da valorização do povo negro no Brasil.

Os Clubes Sociais Negros nos sinalizam muito mais que locais de lazer e diversão, visto serem recintos onde foram edificadas bases sólidas de reafirmação da solidariedade e da identidade do povo negro no Brasil. Existe um movimento nacional que visa restabelecer a relevância destes recintos, promover novas iniciativas nesta área de conhecimento e tornar público o compromisso das instituições estatais em suscitar novas pesquisas nesta área. Para tal, estão sendo organizados Encontros, Seminários, Reuniões e propostas congêneres no intuito de promover, encaminhar aos setores competentes, visando efetivar as demandas provenientes destes debates. Ocorreu em 200 o primeiro Encontro Nacional de Clubes Sociais Negros do Brasil em Sabará/MG. Daí decorreu a redação da primeira Carta Proposta Nacional assim descrita:

CARTA PROPOSTA DO ENCONTRO NACIONAL DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS DO BRASIL

1 - Conhecer, Pesquisar e mapear Clubes e Sociedades Negras, Centros de Cultura Afro, Ecomuseus e Museus Comunitários, com o objetivo de diagnosticar a situação de cada entidade.

2 - Promover a visibilidade dos clubes em âmbito regional, estadual, nacional e internacional.

3 - Resgatar esse espaços de memória, identidade e resistência da história e cultura negra.

Essas ações resultaram na criação de uma rede entre as entidades que tiveram participantes no Encontro com representantes de vários estados, dentre eles: 53 representantes de clubes do Rio Grande do Sul e 14 de outros estados (Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro), totalizando mais de 300 participantes. (Fonte: Carta de Santa Maria de 2006).

O LUGAR DAS MULHERES NEGRAS

Para iniciar esta reflexão, necessário se faz um breve retorno à história do movimento feminista no Brasil. Longe de aprofundar estudos nesta área de conhecimento, a intenção é aproximar de um contexto que referencie a relevância do recorte de gênero em todos os campos do saber. Diante deste contexto, serão expostas etapas do processo histórico percorrido pelas mulheres na formação e construção da nação brasileira. A partir daí, procurar-se-á descrever as ações e funções exercidas pelas mulheres negras nos Afro Clubes, uma vez que sua presença e relevância são indiscutivelmente reconhecidas.

Apesar da indiscutível presença masculina nos cargos de diretoria destes espaços, (conforme figura 1), é relevante observar que a presença da Mulher negra se fez verdade em todos os espaços de organização do grupo.

Figura 1 - Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio



Fonte: <http://www.clubessociaisnegros.com.br/>

O Movimento de Mulheres no Brasil é considerado um dos mais dinâmicos do mundo, devido à sua trajetória de conquistas e realizações, mesmo considerando a necessidade de percorrer ainda um grande caminho para se chegar à realização dos direitos e garantias individuais.

Políticas Públicas voltadas para os interesses das mulheres vêm sendo implementadas no sentido de reduzir o fosso que é instaurado entre os direitos do segmento social feminino e uma sociedade tradicionalmente machista e discriminadora. Tais medidas são consideradas grande passo para avançar o processo de democratização do país.

Carneiro (2003) afirma que a violência doméstica é um tema que abriu amplo espaço de discussão na sociedade, adquirindo domínio público antes dominante apenas na esfera privada. Além das discussões de caráter familiar, a inserção no mercado de trabalho ampliou o debate no que diz respeito à permanência e qualificação profissional. Criação de creches públicas traduz-se em uma grande conquista para que as mulheres trabalhadoras de baixa renda pudessem manter-se no trabalho.

Com o passar dos tempos, observa-se que a sociedade brasileira amplia publicamente o rol de inquietações e desvela a emergência de redirecionamento do debate feminista. As mulheres negras, até então relegadas a áreas periféricas da discussão na sociedade feminista, despertam a sociedade para a necessidade de abrir o debate na esfera pública a fim de garantir encaminhamentos mais sólidos de suas reais reivindicações.

AFRO MULHERES NOS CLUBES

As primeiras Mulheres negras no Brasil foram trazidas do continente africano para realizarem as mais diversas atividades de trabalho nas zonas urbana e rural, para atender os interesses dos colonizadores europeus que aqui se instalavam. Eram mulheres das mais diversas origens e diversificadas eram as atribuições das atividades que as reduziam à condição de escravizadas.

De acordo com os conhecimentos adquiridos em suas regiões de origem, estas mulheres foram inseridas à realidade que lhes era imposta, numa espetacular manobra de

sobrevivência física, cultural, religiosa, psicológica, ao colocar em prática seus hábitos que perpetuam e preservam suas tradições até os dias atuais. Foram as filhas de santo, mães de santo, cozinheiras, lavadeiras, mucamas, filósofas, domésticas, professoras, batuqueiras, médicas, costureiras, cozinheiras, secretárias, costureiras, professoras, benzedoras, parteiras, quituteiras, com mais e mais possibilidades de invenção e reinvenção de suas maneiras de criar estratégias de sobrevivência. Machado (2007) fala na dificuldade em relacionar a essência da mulher negra, mas lista algumas possibilidades de se aproximar desta elaboração: cita as mulheres negras como habilidosas, guerreiras, sábias, conselheiras, portadoras de uma afetividade que lhes impõe característica singular pelo fato de amamentar seus filhos e filhos de seus algozes.

Foram mais de quatrocentos anos em que o sistema escravagista lhes impunha uma realidade completamente distinta de seu cotidiano vivenciado em seus territórios. Desestruturaram violentamente seu *habitat*, transformaram seus modos de agir, relacionar, produzir seus alimentos, cuidar de seus filhos, filhas, netas, netos, sobrinhos, sobrinhas, alteraram seus modos de vestir, postar-se, praticar seus tradicionais rituais religiosos, enfim, de seu clã, sua etnia, sua cultura.

Essas representantes da resistência feminina do sistema escravagista podem ser listadas, exemplificando todas as mulheres presentes no decorrer do período escravagista, sem exceção.

No estado do Rio Grande do Sul, foi realizado um prévio levantamento que pudessem mapear a presença das mulheres negras e sua efetiva participação na história da região.

[...] procuramos identificar as inter-relações culturais, sociais, econômicas, linguísticas, geográficas e biológicas fundamentais para a formação da identidade da mulher gaúcha. Em campo, os pesquisadores foram recebidos pelas entrevistadas em vários lugares: quilombos, clubes sociais de negros, casas de religiões de matriz africana, espaços de preservação das tradições gaúchas, instituições de ensino, bibliotecas, museus e casas de cultura, órgãos de governo – municipais e estaduais, e em suas residências. Alguns dados de institutos oficiais de pesquisas e estatísticas – ou órgãos similares – também foram muito importantes para as referências sociais. ([www.clubessociaisnegrosdo Brasil.org.br](http://www.clubessociaisnegrosdoBrasil.org.br))

É possível perceber a presença marcante da mulher negra em recintos dos Afro Clubes no Brasil, o que é perfeitamente visível em quase todos os estudos que têm registros fotográficos destes recintos.

Estudos recentes apontam a presença da mulher negra exercendo atividades de educadora, auxiliando atividades de escritório, atuando na manutenção e limpeza dos recintos, cantando, dançando, atuando como garçonetes nos recintos que recebiam os frequentadores em atividades de “preparo” ou “finalização” do visual para a entrada devida ao recinto. A efetiva presença vem sendo ratificada por meio do testemunho destas protagonistas confirmado pela documentação registrada nos arquivos dos clubes sociais às quais pertencem, conforme figura 2

Figura 2 - Sociedade Cultural Ferroviária Treze De Maio.



Fonte: www.clubessociaisnegrosdo Brasil.org.br

Os clubes sociais elegeram a rainha e a miss Clube Social Negro no Rio Grande do Sul no município de Gravataí.

Associação Cultural e Beneficente Seis de Maio de Gravataí, RS.



Fonte: WWW.clubessociaisnegrosdo Brasil.org.br

Hoje, elas se mobilizam, criam seus conselhos deliberativos, elegem e são eleitas, debatem, discutem, levantam propostas, realizam programações alusivas às datas comemorativas, como pode ser observado na publicação do site www.clubessociaisnegrosdo Brasil.org.br.

Mulheres Negras de Clubes Sociais Negros da Região Central têm Encontro marcado no Museu Treze de Maio no Dia Internacional de Luta contra o Racismo, em 21 de março.

O Museu Treze de Maio e a Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Etnicorracial de Santa Maria promoveram em 21 de março de 2010, o *1º encontro de Mulheres Negras dos Clubes Sociais Negros da Região Central Sul do Brasil*. (Acesso em: 22/10/2011)

Trata-se de uma iniciativa inovadora que complementa as informações discutidas a respeito da fiel participação deste segmento nas ações destas organizações.

AFRO MULHERES NO ELITE CLUBE DE JUIZ DE FORA

Em Juiz de Fora/MG, a presença das mulheres no espaço do Elite Clube era marcante, segundo entrevistas colhidas nos últimos anos. Sabe-se que havia um ambiente acolhedor em localidades do entorno que davam suporte às pessoas em trânsito na cidade e que se deslocavam para o Elite (assim era denominado o Clube). Tem-se conhecimento que a entrada no clube somente era permitida para frequentadores portando traje social. Esse condicionante era partilhado por todos os afro clubes de que se tem conhecimento até então, e considerado unanimidade. Em Juiz de Fora/MG, a D. Juraci é a representante do afro clube citado, clube esse que teve suas atividades encerradas no início dos anos setenta. D. Juraci foi frequentadora assídua do Elite Clube e, em entrevista à autora, D. Juraci fala com extremo prazer das ações desenvolvidas no antigo clube.

Era muito bom, minha filha. A gente estava lá era por prazer mesmo. Eu dançava por muito tempo e o creolêu gostava era muito. Eu dançava e cantava. Que felicidade!! O povo dançava. Ali entrava os branco também. Era prá todo mundo. A gente não podia entrar nos clubes deles não, mas no da gente eles entravam. Todo mundo bonito. (D.JURACI SILVA, parte de entrevista concedida à autora em janeiro de 2010 em Juiz de Fora/MG.)

D. Luzia Francisca de Souza, além de frequentadora do Elite Clube, exercia também funções de garçonete em um bar existente no andar inferior do Elite Clube de Juiz de Fora. Em entrevista, a entrevistada afirma que o bar/restaurante era muito movimentado e que as mulheres davam uma passadinha lá para “retocar a maquiagem”, algumas iam tirar o “rolim” do cabelo, ajustar o cinto ou as meias, enquanto os homens iam lá para tomar uma bebida e “aquecer as turbinas” para entrarem no clube. Muitos ainda aproveitavam para dar mais uma olhadinha no visual. Acabavam aproveitando o tempo para engraxar o sapato (alguns vinham do interior), lustrar o terno, passar mais um pente no cabelo e bater um papinho até entrarem no salão. Alguns saíam de suas localidades muito cedo.

Acredita-se que esta antecipação era necessária para a ambientalização dos frequentadores. Essa concentração, além de outros vestígios, permite-nos inferir que os laços de solidariedade marcavam o cotidiano destas agremiações, além de demarcar a ocupação do recinto por período mais prolongado. Era o aquecimento com passagem quase obrigatória para a entrada no Elite.

Necessário se fazem estudos e maiores levantamentos a respeito da significativa presença destas mulheres para que desse sentido à própria existência dos Clubes. A propósito, sem a figura feminina, o Afro Clube teria significado enquanto espaço de lazer e socialização como fora proposto em seus argumentos preliminares? Sem a presença das mulheres negras, os Afro Clubes não teriam razão de existir.

PAUSANDO...

Deixo expresso meu compromisso em dar continuidade aos estudos referentes à população negra em seu processo de efetiva inclusão à sociedade brasileira. Necessários se fazem estudos e investigações mais pormenorizadas, que se refiram à percepção do povo negro enquanto sujeito ativo e dinâmico da história. O ex-escravizado construiu a nação brasileira, atuou na progressão da conjuntura, edificou o país. Sua participação na história não pode e não deve estar restrita à culinária, capoeira, samba e carnaval. A historiografia omite a participação da população negra na história, por outro lado, afirmamos sem receios que o que acontece de fato é um proposital ocultamento da população negra como agente do processo histórico. A riqueza desta nação deverá ser compartilhada com os seus edificadores. O reconhecimento, mesmo que tardio, deve ser considerado, ainda que suscite fervorosos debates de correntes contrárias inseridas nos movimentos sociais, partidos políticos, academias, igrejas e demais representações sociais. A história de participação do povo negro no Brasil deve ser primeiramente desconstruída de seu formato meramente contemplativo. O negro não assistiu passar a história como escravizado, carnavalesco, maquinário dos engenhos, canaviais e fazendas de café. A população negra fez a história. Os objetos de estudos diversificados apontam abordagens diferenciadas que inserem este segmento social como um dos mais importantes no processo de construção e desenvolvimento desta nação. Os pesquisadores, negros ou não, comprometidos com a reescrita dessa história, investigam as famílias escravizadas, a socialização, as organizações coletivas e familiares, as cidades, as religiões, a geometria, a filosofia africana, as artes, a matemática, a tecnologia, a medicina, a educação formal e informal, a geografia, construção civil, enfim, os meios pelos quais o Brasil possa ter sido favorecido com a influência das ações deste contingente que, com seus descendentes, atuam no sentido de favorecer o crescimento e o desenvolvimento dessa nação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ivan. **Ivan Barbosa**: entrevista. 30 maio 2010. Entrevistadora: Rita de Cássia S. F. Batista. Juiz de Fora/ MG.

BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. **O negro**: Trabalho, Sobrevivências e Conquistas 1888/1930. Juiz de Fora: FUNALFA, 2006. Blog do Clube Florestanegrina http://floresta-montenegrina.blogspot.com/2010_01_01_archive.html

CUNHA JUNIOR, Henrique. Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras. In: Política Democrática. **Revista de Política e Cultura**. Brasília/DF: Fundação Astrogildo Pereira, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Espaço urbano e afrodescendência**. Fortaleza: Editora da UFC, 2007.

CUNHA JUNIOR, Henrique. // Encontro Nacional de Clubes Sociais Negros www.sabara.mg.gov.br/.../68-ii-encontro-nacional-dos-clubes-sociais

ESCOBAR, Giane V. **Lugares de Memória**: resistência negra, patrimônio e potencial. Porto Alegre: Editora da UFSM, 2010.

MACHADO, Sátira. **Mulheres afro-gaúchas**. In: **Mulheres do rio grande do sul: diversidade**. Santa Maria-RS, abril 2007. Entrevista. Disponível em: <http://sounegrasim.blogspot.com/>

OLIVEIRA, Iolanda de. (Coord.). Relações raciais e educação – alguns determinantes. Niterói: Intertexto, 1999.

SILVA, Fernanda O. da. **Os Negros**: a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços – associações e identidades negras em Pelotas/RS (1820/1943). Dissertação de Mestrado. FALTAM DADOS DO MESTRADO: EM QUE ÁREA? QUANDO? Quantas páginas?

SILVA, Juraci. As Mulheres negras no Elite Clube. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2010.

SILVA, Joselina. Maria de Lourdes Nascimento. Liderança Afrobrasileira dos anos quarenta. In: **História da Educação – Vitrais da Memória: Lugares, imagens e práticas culturais**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SOUZA. Luzia Francisca de. **Mulheres Negras no Elite Clube**. Entrevista concedida à autora em encontros realizados nos decorrer dos anos de 2004 a 2009.

SILVEIRA, Oliveira. **Textos compilados sobre Clubes Negros no Brasil**. Acervo particular. Catálogos gentilmente cedidos pela professora Maria Zelma Cantuária Madeira, para investigação científica da autora. Fortaleza, 2011.

DADOS DA AUTORA:

Rita de Cássia Souza Félix Batista

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, com Mestrado em História realizado na Universidade Estadual Paulista-UNESP e Doutoranda em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará-UFC. Autora do livro “O NEGRO: Trabalho Sobrevivências e Conquistas Juiz de Fora/MG 1888/1930”. Coautora do livro “Ciência: Pesquisa Métodos e Normas” Leciona as disciplinas Sociologia, História, Africanidades e Afrodescendências bem como a disciplina Metodologia e Técnica de Pesquisa. Foi Professora substituta na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora em três contratos e Tutora à Distância pela Universidade Aberta do Brasil. Atuou como Técnica para Assuntos Educacionais na Secretaria de Ações Afirmativas na SEPPIR-Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial.

Submetido em 09/2013 - aprovado em 10/2013